

# Estudantes sofrem em véspera de prova

José Francisco Diorio/AE

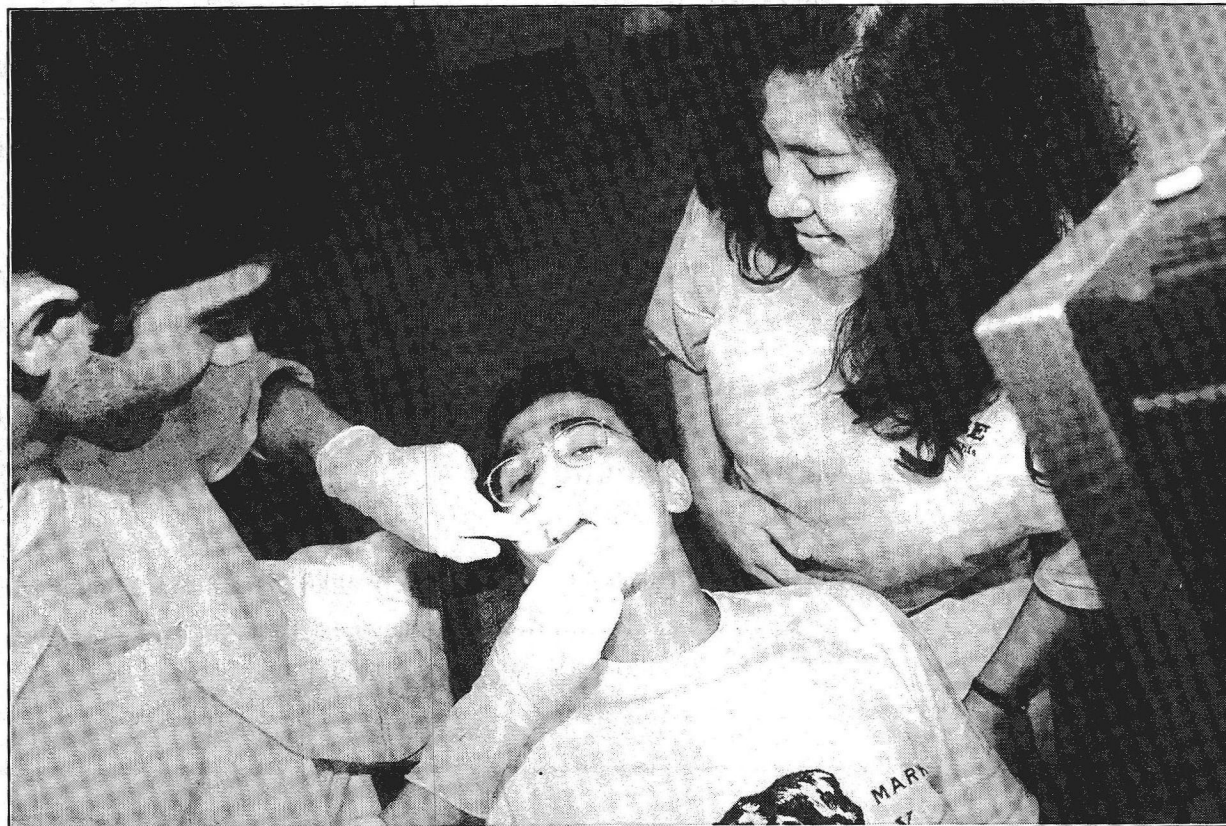
*Pesquisa realizada nos Estados Unidos mostra que stress pode levar ao aumento das crises*

**H**á alguns anos, o otorrinolaringologista Luc Weckx, da Universidade Federal de São Paulo (Ufesp, ex-Escola Paulista de Medicina), procurou testar uma droga chamada levamisol, usada normalmente contra infecções, no tratamento da afta recorrente. Weckx queria ajudar os pacientes do hospital: "Embora a afta não seja uma doença que ofereça riscos, afeta a qualidade de vida do indivíduo, com prejuízo de suas atividades profissionais", observa o médico que apresentou seu trabalho com o levamisol em tese de livre-docência na Ufesp.

O resultado da pesquisa foi surpreendente. Weckx dividiu o seu grupo de controle entre pacientes que usaram a droga e aqueles que tomaram apenas um placebo. Descobriu, após um ano, que, embora o levamisol tenha apresentado bons resultados na comparação antes e após o tratamento, essa diferença não foi significativa quando comparada com o placebo. "Cerca de 70% dos pacientes que receberam placebo mostraram uma melhora", disse.

O médico não sabe explicar esse resultado, mas imagina que ele reflete — mais uma vez — as características emocionais que interferem na doença que mais compromete a mucosa oral, depois da gengivite. "Cerca de 35% dos pacientes têm aftas recorrentes quando estão estressados", acredita Weckx. Ele cita um estudo, desenvolvido nos EUA, com universitários na época de provas.

O professor Norberto Nobuo Sugaya, da Faculdade de Odontologia da USP, concorda. "Há um componente emocional e social importante



*Maria Ângela Mimura e colegas do 6º ano da Odontologia da USP: problema da afta é comum*

envolvido no aparecimento da afta", afirma. Ele observa, por exemplo, que foi constatado que os casos de afta entre os estudantes de medicina e odontologia nos Estados Unidos são bem mais frequentes.

A constatação pode valer para os alunos de Sugaya, do 6º ano da Odontologia da USP. Segundo o professor, o problema ali também é comum. Ele afeta, por exemplo, a estudante Maria Ângela Martins Mimura, de 22 anos,

que costuma ter aftas uma ou duas vezes por ano. "Elas queimam, incomodam, mas não há muito que se pode fazer para evitá-las", diz a estudante.

Sugaya lembra que os remédios mais usados pelos especialistas são os corticosteróides, que levam à regressão das crises mais graves, mas não as previnem. Há pessoas

que usam substâncias químicas, como o formol, para cauterizar as feridas. "Essas destroem a afta, mas fa-

zem no local uma úlcera traumática", explica. "Leva o mesmo tempo ou até mais para voltar ao normal."

O odontologista também usou a vacina BCG oral, normalmente aplicada na prevenção de tuberculose, contra aftas. Alguns especialistas acreditam que a vacina ajuda a fortalecer o sistema imunológico dos pacientes. "Como em outros tratamentos, esse também respondeu bem apenas em alguns casos", concluiu o professor.

O consultor da seção de Saúde do "Estado" é o cardiologista Wagner Ibraim do Instituto do Coração

**P**ACIENTES  
MELHORAM  
ATÉ COM  
PLACEBO